



APLAUSOS
Ícone da UFRJ e da Ciência brasileira, Nelson Maculan chega aos 80 anos em plena atividade e recebe homenagem da comunidade acadêmica

Página 7

RESPEITAR

a universidade é valorizar o

Professor

Nos últimos 21 anos, 23 escolas sofreram ataques no Brasil. Mais de um terço das tragédias ocorreu nos últimos nove meses, segundo estudo da Unicamp. Professoras e professores são vítimas contumazes desse drama. O mais recente aconteceu em São Paulo, quando um aluno de 13 anos esfaqueou quatro docentes. Uma delas, Elizabeth Tenreiro, de 71 anos, foi golpeada pelas costas em sala de aula, e não resistiu.



O luto por Elizabeth coincide com o retorno das aulas na UFRJ, na próxima segunda-feira, e impõe um tremendo desafio: refletir e reverter a cultura do ódio que explodiu durante a pandemia, segundo os pesquisadores ouvidos por reportagem especial do Jornal da AdUFRJ. Em oito páginas, com matérias sobre novos e antigos mestres, sobre a importância emancipatória das cotas e sobre a urgência de melhorar as relações dentro e fora das salas de aula, a AdUFRJ dá as boas-vindas ao primeiro semestre de 2023.



Páginas 2 a 8



EDITORIAL

CAR@ COLEGA

DIRETORIA

Às vésperas do início de mais um semestre letivo na UFRJ — as aulas da graduação começam na próxima segunda-feira —, esta edição do Jornal da AdUFRJ aborda por diferentes ângulos o ofício de ensinar. Um deles é o oposto do que se espera de um ambiente escolar: a exposição à violência. E tem como mote um crime que chocou o país esta semana: o assassinato da professora de Ciências Elizabeth Tenreiro, de 71 anos, morta a facadas por um adolescente de 13 anos em sala de aula na Escola Estadual Thomazia Montoro, na Zona Leste de São Paulo, na segunda-feira (27).

A morte da professora está longe de ser um fato isolado, como mostra nossa reportagem nas páginas 4 e 5. Uma pesquisa da Unicamp, à qual o Jornal da AdUFRJ teve acesso, revela uma tendência preocupante: dos 23 ataques de alunos ou ex-alunos a escolas no Brasil nos últimos 21 anos, mais de um terço ocorreu apenas do segundo semestre de 2022 para cá. Especialistas ouvidos pela reportagem tentam decifrar as motivações desse crescimento da violência em escolas e os caminhos que podem levar à redução de crimes como o da escola da Zona Leste paulista.

No velório da professora Beth, como era conhecida, colegas de profissão e alunos lembraram a dedicação da docente ao trabalho, seu amor por ensinar e sua generosidade, traços que servem de inspiração aos que ficaram. E são essas também as características marcantes do professor emérito Nelson Maculan Filho, que esta semana foi homenageado por seus 80 anos.

Aposentado — assim como era Beth —, Maculan segue ativo em sala de aula, com fôlego de menino, espalhando seu vasto conhecimento e inspirando novas gerações de professores. A merecida homenagem ao mestre, um ícone da UFRJ e da Ciência brasileira, está na página 7.

Inspiração não tem idade. Nossa matéria da página 6 traz o exemplo da doutoranda Luana Braga, de 28 anos, aluna do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) do Museu Nacional. Em vídeo que viralizou semana passada, Luana conta ao presidente Lula, durante a visita do petista ao Museu Nacional, no dia 23, como as políticas públicas criadas pelos primeiros governos do PT mudaram sua vida e a de sua família. “Todas as oportunidades a que tive acesso fizeram de mim um instrumento de justiça social”, disse Luana ao Jornal da AdUFRJ. Filha de agricultores analfabetos, Luana nasceu em Pradópolis, no interior de São Paulo, foi criada em Itaçu, pequeno município da Bahia, e é a primeira pessoa da família a entrar em uma universidade. Um exemplo inspirador.

Para os novos professores da UFRJ que farão sua estreia em sala de aula a partir da próxima segunda-feira, a AdUFRJ dá boas-vindas, convida a conhecerem os convênios e serviços oferecidos pelo sindicato e a filiarem-se para que juntos possam buscar a melhoria contínua do trabalho docente. Os docentes “calouros” são tema de nossa matéria da página 3. Um deles é Vinicius Marques da Costa, do Instituto de Matemática. “Sou cria do Fundão: fiz graduação, mestrado e doutorado. Agora volto como docente, um sonho de criança”, diz Vinicius.

Que esse sonho seja mais uma inspiração para todos nós. Boa leitura!

PRIMEIRO DEBATE ENTRE CHAPAS À REITORIA OCORRE DIA 5

O primeiro debate entre os candidatos à reitoria está marcado para o auditório Roxinho do CCMN na quarta-feira (5), às 16h. Concorrem a chapa 10, “UFRJ para Todos: Autonomia, Inclusão e Inovação” — formada pelos professores Roberto Medronho, para reitor, e Cássia Turci, para vice-reitora — e a chapa 20, “Redesenhando a UFRJ: Democracia, Autonomia e Diversidade” — formada pelos professores Vantuil Pereira, para reitor, e Katya

Gualter, para vice-reitora. Depois de seis debates (confera o calendário ao lado), a comunidade universitária terá entre os dias 25 e 27 de abril para votar. No dia 28, ocorre a apuração. Depois, os integrantes dos conselhos superiores da UFRJ se reúnem para compor o Colégio Eleitoral, que vai elaborar a lista com três nomes para o cargo de reitor e três para vice-reitor. O documento será apreciado pelo presidente Lula.

- 5/4, 16h**
Auditório Professor Horácio Macedo (Auditório Roxinho), no Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza (CCMN), Fundão.
- 11/4, 12h**
Salão Pedro Calmon, no Palácio Universitário, campus Praia Vermelha
- 12/4, 15h**
Auditório do Bloco B (Centro Multidisciplinar de Macaé)

DOCENTES VÃO RECEBER MEDALHA MINERVA

Por aclamação, em sua sessão ordinária de quinta-feira passada (23), o Conselho Universitário da UFRJ aprovou a concessão da Medalha Minerva do Mérito Acadêmico às professoras Doris Rosenthal, do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho (IBCCF) e Yocie Yoneshigue Valentin, do Instituto de Biologia (IB).

A professora Doris Rosenthal é graduada em Medicina pela antiga Universidade do Distrito Federal (atual Uerj), em 1957, e defendeu seu doutorado em Ciências Biológicas na UFRJ em 1975. Em 1977, entrou na UFRJ como professora adjunta do IBCCF, permanecendo até a aposen-



tadoria, em 2002. Entre suas colaborações mais notáveis, destacam-se as pesquisas no Laboratório de Fisiologia Endócrina (LFEDR), que hoje leva seu nome.

A ex-reitora Denise Pires de Carvalho, que assumiu neste terceiro governo Lula a Secretaria de Educação Superior do MEC, é uma das orientadas da



professora Doris, que foi uma das fundadoras da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia (SBEM) e é membro honorário da Academia Nacional de Medicina.

Já a professora Yocie Yoneshigue Valentin é graduada em História Natural pela então Universidade do Brasil (atual UFRJ), em 1964. Em

1985, obteve o título de doutora em Oceanografia Biológica pela Universidade do Mediterrâneo de Marselha, na França. É pioneira no estudo do uso de algas marinhas como fonte de fármacos.

Yocie foi presidenta da Sociedade Brasileira de Fisiologia (SBFic) e iniciou suas atividades docentes na UFRJ em 1992, como professora adjunta no Instituto de Biologia, onde lecionou e coordenou pesquisas até se aposentar, em 2005. É membro do Comitê Nacional para Pesquisas Antárticas (Conapa) e professora bolsista de produtividade sênior em pesquisa do CNPq.

CONVÊNIO

Os professores filiados à AdUFRJ contam com um setor de convênios, que firma parcerias com empresas prestadoras de serviços em diferentes áreas (veja relação abaixo). A proposta é oferecer descontos em estabelecimentos como escolas, cursos, academias, clínicas estéticas e de saúde, entre outros. Para mais informações, os interessados podem entrar em contato com Meriane, no tel: (21) 99358-2477 ou pelo e-mail: meriane@adufjr.org.br.

RIO DE JANEIRO

- IBEU**
- CLUB PET**
- MAPLE BEAR TIJUCA**
- MIT CUIDADORES**
- ACADEMIA TIJUCA FIT**
- MADONA CLINIC**
- Psicare PSICARE**
- FISIOTERAPIA RJ LTDA**
- CRECHE AMANHECENDO**
- CRECHE ESCOLA RECRIAR**
- CESTA CAMPONESA DE ALIMENTOS SAUDÁVEIS**
- ROÇA URBANA ORGÂNICOS**
- JC LUZ CORRETORA**
- FLORA ENERGIA SUSTENTÁVEL**
- BAUKURS CENTRO DE ATIVIDADES CULTURAIS**
- MACAÉ ESCOLA ALFA**
- CLÍNICA ESTAÇÃO CORPORAL**
- HUMANA CLÍNICA MULTIDISCIPLINAR**
- MAIS FITNESS ACADEMIA**
- CORPUS CENTRO DE QUALIDADE DE VIDA**
- INSPIRE ENERGIA SOLAR**
- KALLUNGA PAPELARIA**
- DRAGARIA RAIÁ**

Professor calouro, com muito orgulho de ser UFRJ

> Novos docentes assinam contratos com a universidade em cerimônia simples, mas cercada de simbolismo. AdUFRJ esteve presente para dar boas-vindas e falar sobre a importância do sindicato

IGOR VIEIRA comunicacao@adufjr.org.br

Elas são professoras e são calouros. Estudaram, estudaram e estudaram, fizeram graduação, mestrado e doutorado. Pesquisaram, escreveram, vararam dias e noites se preparando para o concurso de docência na maior universidade federal do país. O esforço foi recompensado numa cerimônia simples, mas carregada de simbolismo, nesta quinta-feira (30), na Cidade Universitária. Ali, na Sala do Conselho Universitário, dez docentes assinaram o contrato de professor permanente da

universidade.

“Entrar na UFRJ é um sonho”, resumiu Juliana Trindade, 30 anos, professora da Engenharia Civil, lotada em Macaé. “Vou dar aula de estruturas de concreto e estou muito feliz porque dar aula na universidade sempre foi meu principal objetivo”, completou a jovem docente, ao lado da mãe e do pai. “Eles me surpreenderam, não imaginei que viriam aqui”.

A AdUFRJ também foi à cerimônia dar boas-vindas aos colegas. “Parabéns por ingressarem na universidade. Mesmo para quem já dava aula antes, é um dia emocionante. Eu me transferi da Rural, mas o sentimento foi o mesmo”, resumiu Mayra Goulart, vice-presidente



FERNANDO SOUZA
ADUFRJ PRESENTE: Mayra falou aos novos colegas sobre o sindicato

da AdUFRJ, que aproveitou o encontro para apresentar o sindicato aos jovens professores. “O sindicato é um espaço de acolhimento e proteção, com a oportunidade de amizades na vida adulta e acadêmica”, disse Mayra. “A AdUFRJ disponibi-

liza ainda serviço de proteção jurídica e descontos em planos de saúde. Temos um sindicato forte e atuante”, explicou Mayra Goulart, esclarecendo as condições de filiação para os novatos.

Os professores calouros podem se filiar sem pagar a contribuição durante dois anos, e pelos dois anos seguintes a taxa é de 0,4%, em vez dos 0,8% cobrados atualmente.

“Os professores têm que plantar uma semente de inspiração nos alunos. São os alunos que vão construir o Brasil do futuro”, resumiu Roberto Tarazi, 40 anos, novo professor de Biologia e Biotecnologia Vegetal, do campus de Duque de Caxias. “Estou muito feliz, tenho vocação para ensinar”.

DEPOIMENTOS

| | | | | |
|--|--|---|--|--|
|  CAMILA AZEVEDO SOUZA Instituto de Química (Macaé) |  VINICIUS BOUCA MARQUES DA COSTA Instituto de Matemática |  ROBERTO TARAZI Biologia e Biotecnologia Vegetal (Caxias) |  JORGE FELIPE MARÇAL Biologia (Colégio de Aplicação) |  JULIANA TRINDADE Centro Multidisciplinar de Macaé |
|--|--|---|--|--|

Estou muito feliz de ser professora universitária, e mais ainda por ser da UFRJ, é uma honra imensa. Vou lecionar “Educação Brasileira” na licenciatura do Instituto de Química em Macaé. Toda a minha trajetória foi em educação pública. Fiz a graduação em Pedagogia na Universidade Federal de Juiz de Fora, no meu estado de Minas Gerais, e mestrado e doutorado na UFF. A escolha do curso foi motivada pelos professores da minha vida escolar, que foram referências. Logo na graduação me encontrei no grupo de pesquisa, e entendi a questão ético-política da formação de professores. Quero dar o retorno social e estou feliz em agregar forças à universidade pública, que sofreu com todos os desafios do desmonte do governo anterior, mas que segue firme. O sentimento se resume na frase do filósofo italiano Antonio Gramsci: “Temos que ter o pessimismo da razão e o otimismo da vontade”.

Sou cria do Fundão: fiz graduação, mestrado e doutorado. Agora volto como docente, um sonho de criança. Queria ser professor de escola. Mas, ao ingressar na universidade, me apaixonei pelo mundo da docência universitária e da pesquisa. Farei parte do Instituto de Matemática, e vou ensinar Cálculo IV para as engenharias. Professor novo não tem muita escolha, mas, para mim, não é um problema: ensinei essa matéria no Cefet de Nova Friburgo. Fui professor substituto da UFRJ durante o meu doutorado, onde lecionei Matemática II para a Economia. Agora, três anos depois de terminar meu doutorado, é o momento de celebração da vitória de entrar no corpo docente da maior universidade do Brasil. Admito que sou suspeito para falar porque nutro paixão e carinho pela UFRJ, mas é verdade. Volto para a universidade com energia para devolver tudo o que aprendi lá, tanto da minha área quanto de outras áreas da vida.

Sempre fui apaixonado pela Ciência e por ensinar às pessoas coisas novas, é uma vocação. Trabalhei em duas multinacionais, com o desafio de reduzir a quantidade de agrotóxicos utilizados no algodão. O método era usar os próprios genes de resistência das plantas, pois fiz graduação e mestrado em Biologia na UFSC, em minha cidade, sempre pensando no meio ambiente e na sustentabilidade. No mestrado, estudei a Mata Atlântica e, no doutorado, o cerrado, na USP, além do meu pós-doutorado em Ilhéus, na Bahia. Fui professor visitante lá, e depois da iniciativa privada, fui professor substituto da UFRJ, no CCS. Estou muito ansioso para lecionar como professor efetivo. Quero conhecer os alunos e fazer com que eles se empolguem e se desenvolvam como acadêmicos e profissionais, porque acredito que nossas ideias são sementes que podem germinar nos alunos, que são a força motriz do futuro, vão desafiar o status quo e mudar o Brasil. Nós professores temos que ensinar os alunos para a vida.

Eu tive toda a minha trajetória acadêmica na UFRJ, da graduação ao doutorado, na área da Biologia. Agora vou ensinar essa matéria para o ensino médio, no Colégio de Aplicação, que foi onde fiz meu estágio obrigatório. Não é nada novo, tivemos um período difícil, com ensino remoto por conta da pandemia, as coisas estão voltando ao normal. Mas temos muitos desafios pela frente, com a sede do CÁP no Fundão fechada e as aulas transferidas para a Lagoa. Também temos outros desafios para a educação, como a recente tragédia em São Paulo, que é fruto da política armamentista alimentada mesmo antes do governo Bolsonaro, e também uma desvalorização do próprio trabalho da educação. Precisamos de um enfrentamento político, tanto na escola quanto na sociedade. A minha vaga existe graças à luta do coletivo que ajudou a construir, o Coletivo de Docentes Negras/os da UFRJ, por conta das vitórias conquistadas na aplicação das cotas raciais da UFRJ. As aulas já estão acontecendo, mas estou muito animado para entrar lá amanhã de manhã como professor efetivo de forma oficial.

Eu sou de Campos dos Goytacazes e cursei a Universidade Estadual do Norte Fluminense. Entrei no Serviço Público em 2020, na pandemia, no Instituto Federal do Espírito Santo (IFES), em que vou pedir vacância. Sou engenheira civil e vou lecionar na área de Estruturas. Serão três matérias: Estruturas de Concreto, Projetos de Sistemas Estruturais, e outra que ainda não está definida. Estou tranquila, pois já dou essas matérias no IFES, tanto para a graduação quanto para o nível técnico. São poucas diferenças de ementa. Mas quanto à UFRJ, estou muito feliz de ter entrado. O Instituto Federal não é ruim de trabalhar, mas a universidade federal sempre foi meu objetivo, e agora o realizei, e ainda posso morar mais perto da minha cidade natal. Eu fiz uma viagem muito longa para estar presente na cerimônia e encontrei os meus pais aqui, me esperando, foi uma ótima surpresa. Tive contato com os professores porque fui substituída da UFRJ em 2017, então conheço alguns deles, mas agora é diferente porque estou como efetiva, e muito feliz.



Nove escolas brasileiras atacadas em nove meses

> Na última tragédia, quatro professoras e dois alunos foram esfaqueados. Pesquisadores e dirigentes sindicais analisam por que a cultura do ódio explodiu durante a pandemia

KELVIN MELO E FRANCISCO PROCÓPIO
comunica@adufrrj.org.br

Nos últimos 21 anos, 23 escolas sofreram ataques de alunos ou ex-alunos no Brasil. Os números, apurados em uma pesquisa da Unicamp — e detalhados na página ao lado —, apresentam uma tendência preocupante: mais de um terço das tragédias ocorreu apenas do segundo semestre de 2022 para cá. Na mais recente delas, a professora Elizabeth Tenreiro foi assassinada a facadas esta semana, em São Paulo. Ainda devastados pela perda da colega, especialistas e representantes sindicais ouvidos pelo Jornal da AdUFRJ buscam compreender as razões da crescente violência em ambiente escolar.

“A explicação não pode ficar limitada a um indivíduo. É uma questão social. O assassino tem 13 anos. Isso é inusitado. Não podemos naturalizar essa violência”, afirma a professora

Carmen Teresa Gabriel, titular da Faculdade de Educação da UFRJ. “Chegamos a uma sociedade tão guiada pelo ódio que estamos vendo coisas que seriam impensáveis há alguns anos”.

A pandemia, que afastou os alunos dos bancos escolares e do convívio com o outro por mais de dois anos, pode ter contribuído para o crescimento da cultura de ódio. “Ninguém nasce aluno. Você aprende a ser aluno em um processo de socialização, indo para a escola”, explica Carmen, que é coordenadora do Complexo de Formação de Professores da universidade. “Uma das grandes dificuldades do retorno às aulas foi esta criação do vínculo com a escola como uma instituição de acolhimento. Quando você fica dois anos fora desse processo, aparecem as sequelas. Este é um elemento importante”.

Sequelas que podem crescer, se o caminho da repressão apontado por algumas autoridades ganhar espaço. O governador de São Paulo, Tarcísio de



Sentimos muito o ocorrido e nos solidarizamos com a dor do corpo docente da escola e de todos os alunos”

NEDIR DO ESPÍRITO SANTO
Diretora da AdUFRJ

Freitas (Podemos), defendeu um programa para colocar policiais nas unidades de ensino de forma permanente. “Lugar de polícia não é na escola. A escola não está numa redoma de vidro, onde a violência não está presente. Mas ela precisa lutar contra a violência por um

trabalho pedagógico”, conclui Carmen.

Também professora titular da Faculdade de Educação, Libânia Xavier chama a atenção para a sobrecarga dos profissionais de ensino e para a importância de haver um protocolo para lidar com casos semelhantes ao do jovem de São Paulo. “É tanto trabalho e é um trabalho tão intenso que os profissionais demoram a perceber a gravidade de algumas situações. Isso resulta em tragédia, às vezes”, observa. “Não sabemos exatamente como foi em São Paulo. Acho que a escola estava alerta, mas, provavelmente, o garoto precipitou o ataque”, completa.

Libânia fala com a experiência de quem, desde 2012, estuda professoras que trabalham em áreas conflagradas no Rio. “A violência não está só dentro da escola. Mas também no seu entorno. Muitas vezes, vem dos próprios agentes do Estado”, diz, em referência às ações policiais próximas às escolas. “A notícia é um alerta muito triste que exige atenção dos poderes

públicos. Existe pouco apoio das outras instituições. Faltam políticas públicas articuladas”.

As políticas que faltam podem ser formuladas na universidade. Em nome da diretoria da AdUFRJ, a professora Nedir do Espírito Santo manifestou seu pesar pelo assassinato da colega e defendeu o engajamento dos cursos da instituição neste debate. “Sentimos muito o ocorrido e nos solidarizamos com a dor do corpo docente da escola e de todos os alunos”, diz Nedir, que atua na Licenciatura em Matemática.

“Como o adolescente chega a tal ponto de violência? Quais foram os sinais dados pelo jovem? O que a escola poderia ter feito? Estamos muito longe de responder a essas perguntas e vemos poucas medidas públicas nessa direção”, diz Nedir. “Os cursos de licenciatura devem conter em seus currículos espaços para abordagem dos problemas que estão enfrentando os adolescentes dessa geração e de que forma suas emoções estão se apresentando”.

GOVERNO DE EXTREMA-DIREITA ESTIMULOU DESCONFIANÇA CONTRA PROFESSORES

Para as entidades sindicais, a tragédia de São Paulo guarda estreita relação com o discurso de ódio fomentado no governo Bolsonaro. “Quando você estimula que se grave seu professor, ou que denuncie seu professor porque está falando isso ou aquilo, você está estimulando uma relação de desconfiança e de controle do aluno sobre o professor. Não é mais sobre alguém que está ali para educá-lo”, avalia a professora Duda Quiroga, coordenadora-geral do SEPE (Sindicato dos Profissionais da Educação do Estado do Rio). “Quando o controle não

acontece e o jovem não aprendeu a lidar com frustrações, a tendência é eclodir este tipo de situação (de conflito)”, completa.

A dirigente cobra a necessidade de ampliação do vínculo entre alunos e escolas com a oferta de atividades culturais no contraturno. “Nós precisamos de outras políticas públicas para que esses jovens não fiquem só na aula e nos períodos de pátio, naqueles 30 minutos de recreio”. A demanda exige investimento das autoridades. “Precisa de mobilidade urbana, para que você possa levar um estudante de uma ponta da cidade a outra para ir

ao museu”, exemplifica.

Nas escolas privadas, a sensação não é diferente. “Esse governo fascista que nós tivemos do Bolsonaro estimulou que as pessoas se armassem para poder resolver os seus problemas de relação com o outro”, afirma o professor Elson Paiva, presidente do Sinpro-Rio, Sindicato dos Professores do Município do Rio de Janeiro e Região.

Elson também contestou a proposta do governador paulista Tarcísio de Freitas de colocar policiais armados dentro das escolas. “Como é que vai resolver o problema da violência com mais violência?”, questiona.

Neste cenário de violência crescente, Elson classifica a docência como uma profissão de risco. “Nós da educação e da área da saúde, e os profissionais da segurança, somos os que estamos mais na linha de frente. Estamos muito mais expostos do que do que outras categorias de trabalhadores”, alerta.

Coordenador-geral do Sina-sefe (Sindicato Nacional dos Servidores Federais da Educação Básica, Profissional e Tecnológica), o professor David Lobão concorda que os ataques podem ser relacionados com a ação destruidora do governo Bolsonaro. “Você tinha um governo neofascista que não va-

lorizava a educação”, critica.

As consequências do desprezo pela educação ainda se refletem em conflito nas salas de aula, mesmo após o fim daquele governo. “Aqui no Instituto Federal onde eu trabalho, na Paraíba, uma professora foi chamar a atenção de um aluno e agora está afastada, porque o estudante se achou no direito de ameaçá-la”, afirma.

Apesar dos obstáculos, Lobão não se rende. “Meu amigo Paulo Freire dizia que a educação não muda o mundo. A educação muda as pessoas e as pessoas mudam o mundo”.

#OrgulhoDeSerUFRJ

ENTREVISTA | TELMA VINHA, PROFESSORA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNICAMP

“HOVE UMA RUPTURA DO PACTO CIVILIZATÓRIO”

FRANCISCO PROCÓPIO
comunica@adufrrj.org.br

De 2002 até março de 2023, 23 escolas brasileiras — 12 estaduais, sete municipais e quatro particulares — foram atacadas por alunos ou ex-alunos. Cinco professoras, 24 estudantes e dois profissionais de educação foram assassinados nas tragédias. Mais de um terço dos ataques (9) ocorreu do segundo semestre de 2022 para cá. Os dados são de uma pesquisa coordenada pela professora Telma Vinha, do Departamento de Psicologia Educacional da Unicamp, e pela mestrandia Cleo Garcia.

As pesquisadoras detalharam que o mais jovem dos agressores envolvidos

nesses ataques tinha dez anos; o mais velho, 25 (ex-aluno). Doze deles utilizaram armas de fogo. O perfil predominante é de homens brancos, misóginos, com gosto pela violência e apreciadores de armas.

Em entrevista ao Jornal da AdUFRJ, a professora Telma atribui a crescente onda de violência à intensificação do discurso de extrema direita. “Esse discurso social está encorajando de uma maneira direta ou indireta os atos agressivos de violência extrema. É como se estivesse sendo autorizado o uso da violência para resolução dos conflitos”, afirma. Confira a seguir.

adoecimento psíquico e um agravamento da situação financeira das famílias.

■ Como estes discursos agem no psicológico do aluno, incentivando ao crime?

■ Existe escuta nesses espaços. Eles se sentem acolhidos, valorizados e pertencentes. Todo mundo tem necessidade de validação ou confirmação. Isso é ainda mais presente no ambiente online. Eles querem confirmar suas crenças e a comunidade faz isso.

Os extremistas sabem exatamente como acolher as pessoas em seus pontos mais fracos. Eles se sentem inseridos em uma “família”, mesmo agindo sozinho. Acreditam que estão fazendo algo maior, em uma missão. Acreditam que fazem parte de um movimento, mesmo que imaginário.

■ Esse aumento dos ataques era algo previsível pelas autoridades públicas?

■ Com ampliação das plataformas, das redes sociais e páginas de grupos que disseminam os discursos de ódio e do ambiente em que há a ruptura do pacto civilizatório, era esperado, sim, que houvesse ataques violentos. E que aumentassem os crimes, feminicídios, os crimes de racismo e os ataques à escola.

■ O que fazer hoje para evitar ou minimizar estes ataques? A presença da polícia nas escolas, proposta pelo governador de São Paulo, poderia ser uma dessas medidas?

■ Não adianta porque os ataques são planejados. Por exemplo, a escola atacada em 2022 em Barreiras, Bahia, era cívico-militar e isso não impediu a violência.

Uma medida, por exemplo, é não divulgar nenhuma informação sobre os procedimentos utilizados, nem sobre os autores dos ataques, mas somente sobre as vítimas, como é feito na Nova Zelândia. Quando é divulgado, há um efeito de contágio. A maneira como ele é noticiado acaba estimulando outros casos semelhantes. Precisamos também preparar e incorporar à educação escolar as temáticas que envolvem a convivência (presencial e online).

ANTONINHO PERRI/SEC/UNICAMP



Se o estudante está chateado com um rompimento, eles falam muito mal das mulheres, aguçam essa tendência, levando cada vez mais à radicalização.

Podemos destacar ainda o período de pandemia em que, devido ao isolamento social, esses meninos ficaram muito tempo conectados. Houve uma ampliação do

DADOS

PERÍODO ESTUDADO

2002 a 2023

22 ataques em 23 escolas (o mesmo atirador atacou uma estadual e uma particular)

■ 7 no segundo semestre de 2022
■ 2 em 2023

COLÉGIOS ATACADOS

■ 12 estaduais
■ 7 municipais (1 cívico-militar)
■ 4 particulares

VÍTIMAS FATAIS:



24 estudantes



5 professores



2 profissionais da educação

IDADE DOS ATIRADORES:

■ mais jovem: 10 anos
■ mais velho: 25 anos (ex-aluno)

PERFIL PREDOMINANTE:

■ jovens
■ sexo masculino
■ brancos

PRINCIPAIS TRAGÉDIAS



REALENGO (RJ)

Em abril de 2011, 13 crianças morreram e 22 ficaram feridas, quando um ex-aluno de 23 anos, armado com dois revólveres, disparou contra os jovens estudantes. O atirador se matou em seguida, antes de ser detido pela polícia.

SUZANO (SP)

Em março de 2019, dois ex-alunos da escola Raul Brasil, em Suzano, na Grande São Paulo, mataram nove pessoas. Depois do massacre, um dos atiradores matou seu colega de crime, e suicidou-se logo depois. Cinco das vítimas eram estudantes e os outros eram funcionários.

JANAÚBA (MG)

Em outubro de 2017, o segurança de uma creche, em Janaúba, no norte de Minas Gerais, ateu fogo na escola, matando dez crianças e três professoras. O criminoso era funcionário da creche há nove anos.



MONUMENTO EM HOMENAGEM ÀS CRIANÇAS E ADOLESCENTES MORTOS PELO ATIRADOR (REALENGO) TÂNIA RÉGO/AGÊNCIA BRASIL

Aluna do Museu Nacional é exemplo de inclusão social

> Luana Braga, que faz doutorado em Antropologia na instituição, foi escolhida para recepcionar o presidente Lula na visita do petista ao museu. Ela é a primeira da família a chegar à universidade



FELIPE COHEN / DIVULGAÇÃO MUSEU NACIONAL

MILENE GABRIELA
comunica@adufrrj.org.br

Um vídeo do encontro entre a doutoranda Luana Braga e o presidente Lula viralizou na semana passada. Durante a visita do petista ao Museu Nacional no dia 23, a estudante do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) emocionou a todos ao contar como as políticas públicas criadas pelos primeiros governos do PT mudaram sua vida e a de sua família. “Todas as oportunidades a que tive acesso fizeram de mim um instrumento de justiça social. O governo mudou a história da minha vida, que está ajudando a transformar a história de muitas pessoas”, disse ela ao Jornal da AdUFRJ. “Quando eu e Lula tiramos a foto, ele disse que virou meu fã. E que nós vamos mudar a vida de muitas pessoas”. Há mais de 50 anos, o museu não recebia a visita de um presidente da República. Para marcar o evento, a direção decidiu presentear Lula com uma placa feita com a madeira de recon-

strução do prédio, incendiado em 2018. E solicitou a indicação de um aluno do PPGAS para a entrega do mimo: alguém que representasse o corpo social e tivesse a trajetória de vida influenciada pelos governos petistas. O nome de Luana surgiu com naturalidade. A jovem de 28 anos é a primeira pessoa da família a entrar em uma universidade. Filha de agricultores analfabetos, nasceu em Pradópolis, no interior de São Paulo, mas foi criada em Itaçu e se considera filha do pequeno município da Bahia, de aproximadamente 24 mil habitantes. “A gente não escolhe onde nasce, mas escolhemos as histórias que queremos contar e construir. Identidade é sobre os processos que vivemos e as histórias que construímos e não sobre os documentos”. O encontro com o presidente repercutiu na cidade que adotou Luana ainda criança. “Itaçu fez uma festa. Recebi muitas homenagens dos conterrâneos”, contou. José dos Reis Braga, avô da antropóloga e fundador do sindicato de trabalhadores rurais local, chora toda vez que assiste ao vídeo da neta falando

com Lula. “Meu avô ligou para contar que as pessoas vão até a sua casa para agradecer pelo que eu estou fazendo pela comunidade, por estar levando o nome de Itaçu, nossa história e da população rural para o mundo” disse. “Eles disseram que o abraço que eu dei no presidente gerou muita emoção, que foi um abraço de muitas pessoas, que representa muitas histórias e que se sentiram representados por mim”, completou. Luana já participou de workshops em países como México, China, Alemanha e África do Sul para apresentar suas pesquisas com temas relacionados à revolução da terra, reforma agrária e sobre o povo preto, periférico e pobre do Brasil. A estudante foi selecionada para estar em Harvard no próximo mês no workshop “Afro-latin American Research Institute”, que conta com pesquisadores de todo o mundo. O evento irá debater mulheres negras e a concentração de terras no Brasil. “Se eu tenho um calo no dedo por usar a caneta é porque as mãos ao meu lado e atrás de mim são calejadas por enxada”. Confira a entrevista de Luana.

Jornal da AdUFRJ - Como o governo do PT mudou a sua vida e a de sua família?

Luana Braga - Eu tive acesso a uma série de políticas públicas criadas pelo governo do PT. Não só eu, toda minha família. Tivemos acesso ao ID jovem (que dá desconto em eventos artístico-culturais e esportivos e no transporte coletivo interestadual) e políticas de cotas. O curso de pós-graduação em Antropologia Social é um programa pioneiro das ações afirmativas da pós-graduação no Brasil. A minha família teve acesso ao programa de cisternas, ao Luz para Todos, ao programa de aquisição de alimentos e a várias políticas públicas de agricultura familiar.



ARQUIVO PESSOAL

LUANA menina com familiares em Itaçu: raízes são tema de estudo

imaginária Harvard. Quando eu era menina, lembro que cheguei à escola e as pessoas chutavam meu material, riam de mim. Parecia tudo tão distante. Achava que, quando eu conseguisse um dia fazer um doutorado, teria vencido muito na vida. Só que, de repente, fiz muito mais que tudo isso. E parece que estou só começando. Eu já nem sei mais para onde é que posso ir. Parece que o mundo ficou pequeno para mim.

Qual a sua área de pesquisa?

Quando eu cheguei ao mestrado de Antropologia Social decidi pesquisar sobre a história da minha família, que é de sindicalistas. O meu avô é um sindicalista rural, que lutou bravamente contra a ditadura militar. Fundou o Sindicato de Trabalhadores Rurais durante esse período. Eles precisaram ficar dois anos na clandestinidade. Foram queimados muitos roçados, queimaram casas dos nossos amigos. Muitas histórias são de resistência da família, do roçado e da cultura. Para que essas pessoas pudessem existir no mundo e diante desse cenário todo, elas não puderam estar nos bancos escolares e eu sou a primeira geração que consegue esse feito. Pesquiso sobre as memórias do meu avô, sindicalismo rural e as lutas pela terra na Bahia. Essa é minha pesquisa de doutorado.

Como foi a sua reação ao saber que iria para Harvard?

Estou no processo para entender tudo o que está acontecendo. Não tenho noção de que conquistei coisas tão grandes. Nem nos meus maiores sonhos

E se você pudesse dar um conselho para quem está começando a estudar agora? Tenham propósitos e não desistam dos seus sonhos. Por muito tempo na vida, às vezes a única coisa que temos é o sonho. E quando a gente vai atrás dele, ele pode fazer coisas inimagináveis com a gente. Então agarra as oportunidades que a vida te dá. Muitas pessoas vão falar que você não vai conseguir, vão falar que você sonha alto demais, mas podemos fazer muito pela nossa história, pela história dos nossos, precisamos acreditar e seguir caminhando. Tem muito trabalho, há muitos bastidores que ninguém vê, mas o importante é confiar. Guimarães Rosa fala “o que a vida quer da gente é coragem”. Então coragem e “bora”.

LEI DAS COTAS TRANSFORMOU UFRJ

No agradecimento ao presidente Lula durante a visita ao Museu Nacional no dia 23, a doutoranda Luana Braga fez questão de dizer que as políticas públicas dos primeiros governos petistas transformaram sua vida e a de seus familiares. Uma delas, a lei das cotas. A diretoria da AdUFRJ é uma entusiasta da legislação, que

mudou o perfil dos estudantes da UFRJ. No ano passado, o sindicato apoiou a campanha “Um passo pra dentro e muitos pro mundo”, da Perifa Connection, da Coalizão Negra por Direitos e do Observatório do Conhecimento. Com debates e distribuição de material, a iniciativa foi uma forma de ressaltar a política, que foi bastante

atacada pela gestão Bolsonaro. A UFRJ aderiu ao sistema em 2013. O número de alunos pretos e pardos cresceu 71% em seis anos. “A universidade hoje respira novos ares. A lei de cotas vem trazendo uma UFRJ mais diversa, plural e com mais representatividade”, analisou Denise Góes, coordenadora das Comissões de Heteroidentificação da Pró-reitoria

de Graduação (PR-1) ao Jornal da AdUFRJ no ano passado, quando a legislação completou dez anos. A lei prevê que 50% das vagas sejam reservadas para estudantes que completaram o ensino médio em escolas públicas. Dentro deste grupo, 50% se aplicam a candidatos cuja renda familiar per capita seja de até 1,5 salário mínimo. A outra metade fica

destinada a alunos de escolas públicas com renda superior a 1,5 salário mínimo. Nas duas faixas de renda são destinados percentuais para pretos, pardos e indígenas, de acordo com a proporção desses grupos étnicos no estado em que se localiza a instituição de ensino. Também há cotas para pessoas com deficiência.



FERNANDO SOUZA

Maculan chega aos 80 com pique de menino

> Em concorrida cerimônia de homenagem, colegas de cátedra e ex-alunos destacam generosidade, coragem e capacidade de trabalho do professor

ALEXANDRE MEDEIROS
comunica@adufrrj.org.br

Se me pedissem para escolher uma palavra para descrever o professor Maculan, ela seria generosidade”. Foi assim, emocionado, que o professor Victor Giraldo, do Instituto de Matemática, resumiu sua gratidão de ex-aluno ao mestre Nelson Maculan Filho, na cerimônia de homenagem aos 80 anos de um dos mais destacados docentes e pesquisadores da UFRJ e do Brasil, na manhã de quarta-feira (29). Não havia um só assento vazio no auditório do CT-2, e muita gente teve de acompanhar a solenidade de pé.



MACULAN com Luiz Pinguelli Rosa nos anos 1980 e, na foto maior, ao centro

ao seu DNA. “Quem se sente honrado com esse título somos nós, que absorvemos todo esse conhecimento. São 80 anos em atividade, ainda trabalhando e orientando alunos. É um grande orgulho para nós”, disse o reitor. Presente à cerimônia, o presidente da AdUFRJ, professor João Torres, disse que Maculan é uma fonte inspiração para todos os docentes: “É muito raro alguém se destacar na pesquisa, na formação de recursos humanos, tanto no Brasil quanto no exterior, e na alta administração universitária, concomitantemente. Ele conseguiu essa proeza. Para mim, ele é a encarnação da imagem ideal de um professor emérito, ou seja, alguém que queremos conservar na universidade e usufruir da sua presença o máximo possível”.

Em nome de mais de 200 ex-orientados de Maculan, o professor e ex-reitor da Universidade

Federal de Ouro Preto, Marcone Souza, elencou algumas das principais contribuições do mestre ao ensino superior do país. Entre elas, a criação da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), da qual Maculan foi presidente, e cujo embrião foi concebido em uma reunião na casa do mestre.

Marcone também lembrou a passagem de Maculan pela Secretaria de Educação Superior (Sesu) do MEC, de 2004 a 2006, quando teve efetiva participação na consolidação de programas como o Reuni, o Prouni e também na lei de cotas. “A expansão do ensino superior que vemos hoje se deve muito ao trabalho do professor Maculan. Ele sempre esteve à frente do nosso tempo”, observou Marcone, que ainda destacou o início da trajetória do mestre em Ouro Preto. Maculan se formou em Engenharia de

Minas e Metalurgia pela prestigiosa Escola Nacional de Minas da cidade mineira, em 1965.

Professor do Instituto de Matemática (CCMN) e da Coppe (CT) desde 1971, Maculan teve sua dedicação aos orientandos lembrada com carinho pelo professor Lúidi Simonetti, da Escola Politécnica, que foi aluno do mestre na Iniciação Científica, no mestrado e no doutorado: “Ele costuma dizer que não é um orientador, mas sim um desorientador. Faz parte da generosidade dele, que vai muito além da formação acadêmica. Com ele você aprende a ser uma pessoa melhor”.

O professor Victor Giraldo, que já havia emocionado a todos ao falar da generosidade de Maculan, pontuou que foi durante a gestão do mestre como reitor (1990 a 1994) que a UFRJ criou cursos noturnos de licenciatura em áreas como Matemática, Física e Biologia, entre outras, democratizando o acesso a esses cursos. Decano do CCMN, o professor Josefino Cabral Melo Lima endossou a importância de Maculan como docente, pesquisador (nível 1A do CNPq) e gestor: “Quase todo time de futebol tem um craque que faz a diferença. Maculan faz a diferença na UFRJ”.

A impressionante capacidade de trabalhar e de cumprir rotinas foi destacada por outros dois colegas de Maculan. Diretor do Instituto de Matemática, o professor Wladimir Neves disse que busca inspiração sempre que passa pela sala de Maculan e o vê trabalhando, orientando algum aluno: “Ele é um farol que ilumina a todos nós, professores”. Já o

decano do CT, professor Walter Suemitsu, arrancou risadas da plateia ao contar que sempre que vai se ausentar do trabalho para alguma viagem, Maculan lhe manda um comunicado formal pedindo autorização: “Eu recebo aqui e fico admirado com essa disciplina à hierarquia. Aí respondo ‘boa viagem’”, contou Suemitsu.

CORAGEM

Ao agradecer as homenagens, o professor Maculan disse que sente orgulho em ser professor de Cálculo porque assim conseguiu circular por várias áreas, da Matemática à Geologia. “Cheguei a dar 20 horas de aula por semana. Nós temos quase cinco mil professores na UFRJ, e acho que temos poucos alunos. Precisamos ter mais alunos. A minha briga é que acho que temos poucas universidades no Brasil. Temos que ter mais”, discursou o mestre, mais uma vez aplaudido de pé.

Maculan agradeceu a presença de tantas pessoas queridas na plateia. “Minha família está aqui, meus colegas professores de tantos lugares, ex-reitores, alunos, ex-alunos. Foi uma grande surpresa para mim esta homenagem, me deixou muito feliz”, disse o mestre. Ele fez questão de nomear alguns amigos de velhas jornadas, como o professor Paulo Alcântara Gomes, ex-diretor da Coppe (1978 a 1982) e ex-reitor da UFRJ (1994-1998). “Paulo salvou meu pai na ditadura. Quando o governo expulsou todos os pesquisadores da Finep sob a acusação de serem comunistas, o Paulo contratou todos na UFRJ. Na época da ditadura, não era fácil fazer isso, não”.

Paulo, amigo de Maculan há mais de 50 anos, foi vice-reitor na gestão do homenageado. “A gestão dele foi marcada pelo desenvolvimento da pós-graduação e da pesquisa, além de melhoria de infraestrutura da universidade”, lembrou Paulo. E inverteu a história contada pelo amigo pouco antes. “Quem salvou o pai do Maculan não fui eu. Foi o pai dele, o senador Nelson Maculan, que salvou a Coppe. Ele organizou ciclos de conferências e visitas para tirar a Coppe de uma crise enorme nos anos 1970”.

Além da generosidade, citada em muitos discursos, o professor Walter Suemitsu destacou outra característica marcante de Maculan: a coragem. “Eu estava aqui em 1975, quando a ditadura assassinou na cadeia o jornalista Vladimir Herzog. E vivíamos aqui uma crise com o valor das bolsas na Coppe, de valor muito baixo, sobretudo para alunos que vinham de fora do Rio. Estourou uma greve, e eu vinha do movimento estudantil da USP, logo me envolvi na greve, falava nas assembleias. A Polícia Federal veio até aqui, buscando meu endereço, e o professor Maculan se recusou a dar. Foi um ato de coragem enfrentar o regime. Devo ao professor Maculan estar aqui hoje”, contou Suemitsu, emocionado. Vida longa, mestre Maculan. Com generosidade e coragem, sempre.



Bem-vindos!

RESPEITAR

a universidade é valorizar o

Professor

A AdUFRJ QUER TE OUVIR

sobre as condições de trabalho



comunica@adufrj.org.br



AdUFRJ * PROFESSORES DA UFRJ